

# Embaúbas Prateadas

11-8-65

Rubem Braga

CONTA o crítico Yan Michalski, do «Jornal do Brasil», que o governador Lacerda assumiu pessoalmente a responsabilidade pela proibição da peça «O Bêrço do Herói», de Dias Gomes. Disse haver proibido a apresentação da peça por considerá-la subversiva e imoral; e juntou que faria a mesma coisa, de agora em diante, com toda e qualquer peça que achasse subversiva.

O fato é grave, principalmente porque o autor e o diretor pediram revisão da censura e não a obtiveram. A proibição veio há poucas horas da estréia, o que quer dizer que a Companhia teve um prejuízo total. O normal, nesses casos, é que, sob a coação da Censura, o autor concorde em eliminar ou substituir trechos considerados inconvenientes. Nem isso se permitiu. O governador cortou, e pronto.

De hoje em diante quem quiser montar uma peça em qualquer teatro do Rio terá de adivinhar, antes, a opinião do sr. Carlos Lacerda. Arrisca-se a ter um prejuízo total se a peça não agradar ao governador. Ele não se digna sequer a argumentar ou discutir com o autor: proíbe, assume a responsabilidade, e acabou-se. Baixa assim o Rio de Janeiro, no ano de seu IV Centenário, ao mais baixo nível das comunidades dominadas por régulos. Uma vontade pessoal, onipotente, resolve o que o escritor deve ou não deve escrever e o que o público pode ou não pode ver.

Meu caro Flexa Ribeiro, eu disse que ia votar em você, mas está difícil. Acho que vou para o Zarur. Votar em você é ajudar a promover o sr. Carlos Lacerda que iria implantar esse inaceitável, execrável mandonismo no plano federal, em que ele pode ter conseqüências gravíssimas. Prefiro seguir o conselho de Cristo e votar no Zarur — que, aliás, trabalhou com o sr. Carlos Lacerda e comigo no semanário «Marcha»...

—\*—  
Onde o governador tem razão é no pedir à Assembléa uma lei criando uma Fundação para administrar o Parque do Flamengo. Com autoridade e recursos próprios, essa Fundação poderia cuidar com eficiência do bellissimo parque popular que está nascendo no atêrro.

Não é que eu tenha medo de que aquilo tudo desapareça sob a onda verde da plantação de milho do bravo marechal Lott. Afinal o governador sempre mandará na Fundação. Uma administração autônoma, sediada ali mesmo, podendo contratar e despedir empregados segundo a Consolidação das Leis do Trabalho, livrará, porém, o parque da desídia e das disputas de mil órgãos do govêrno estadual e permitirá resolver, em tempo útil, os problemas que irão surgindo, sem esperar providências de tal ou qual Secretaria ou Diretoria.

A Fundação governará aquêle território de um milhão e duzentos mil metros quadrados, com seus bondinhos, seus campos de pelada, praia, pista de dança, coreto, «playground», teatro de Marionetes (sem censura do governador!), telefones, bebedouros, sanitários, restaurante, jardim, cabinas para mudar roupa e tudo o mais. O Parque será, como já começa a ser, uma grande fonte de alegria para as crianças e o povo, entre árvores e flôres — e o mar.

E apresento desde logo, em troca desta crônica, ao futuro presidente da Fundação, uma reivindicação que não é minha, mas do pintor Carybé:

— Por que o Burle não planta ali umas embaúbas prateadas?

DN - 11. 8. 65